

A LAGRIMA

BIBLIOTECA MUNICIPAL
DE BARCELOS

PUBLICAÇÃO RECREATIVA

Barcellos, 12 de novembro de 1892.

Na quinzena hoje linda, pouco ou para melhor fallar, nada ha a que um chronista possa agarrar-se para, querendo fazer figura decente, dizer duas palavras que ao leitor, sempre condescendente e amavel, despertem interesse e satisfação na sua leitura. Isto já é cousa velha e muito usada por todos aquelles que tem de rabiscar, e apesar de dita e relita faz sempre uma certa conta e fizer-se ainda mais uma vez porque julgamos ficar desculpados da nossa incompetencia e sermos contemplados com um sorriso consolador pela nossa modestia.

Haver assumpto, ha, mas, havel-o e não o haber, é quasi que uma e a mesma cousa, pois quando qualquer acontecimento vem acordar-nos d'este lethargo em que vivemos apparecem-nos logo as considerações e... adeus chronista!

Serão vejamos.

Dizer-vos que o inverno já se annunciou feio e garranudo, e que o benéfico sol, tão nosso amigo, como o suragomino o obrigou a recolher abastidores? Refirir-vos que as eleições camarárias se fizeram na perfeita paz do Senhor, ficando em doce tranquillidade o carneiro e as batatas, agentes principaes da liberdade do nosso voto? Annunciar-vos que anda coiza no ar, pelo dizer de *A Folha da Manhã*, e' uma sua noticia, pondo de sobreaviso os praticos habitantes d'esta boa terra, que na phrase de Silva Esteves, *pecca pelo joço e tambem não bebe mal?* Pitar-vos se vivo as correias do *high-life* dos nossos *leões* no conseguimento d'uma *soirée*, que se realisa hoje na Assembleia Barcelloense? Apresentar-vos um *despretado*, director da Assembleia, que votando contra a *soirée*, subscriveu quanto igual á dos demais subscriptores? Narrar vos como interessante e chistosa, galhofeira e jovial foi a eleição do novo juiz da mandado de S. Martinho? Prevenir-vos das delicias que os vossos tympanos vão gosar quando as tabas da Fama soarem alto o nome do novo juiz e do convite que vos ha de ser feito para a celebração da investidura de tão alto cargo ao grande Daniel?

E assim, queridos leitores, emmaralhados em tantos assumptos, que não sendo chronistas servem para chronista, e não sabendo como sair d'estes apertos, deixamos á vossa conspicua illustração liberdade de escolha e liberdade d'apreciações.

Saudade

(ao meu amigo J. R. C.)

Minha mãe, que lindo nome,
Que suave melodia;
Minha mãe, palavra santa,
Minha mãe, minh'alegria.

Minha mãe, nome bemlito,
Minha mãe, carinhos mil;
Minha mãe, sonho doirado,
Minha mãe, meu ceu d'anil.

Minha mãe, bouquet d'esperanças,
Cor. que a razão adornei,
Minha mãe, roubou-m'a a morte
Mas para onde... não sei.

Barcellos

J. T.



Fernando...

(a Domingos E. S. Alcôo)

Fernando, fora meu companheiro de collegio. Tivemos juntos os folguedos proprios das creanças e mais tarde á medida que fomos crescendo foi-se implantando nos nossos corações uma amizade sincera e verdadeira que sempre, mutuamente, nos consagramos.

Saimos do collegio aos 18 annos e passados 3 mezes o pobre Fernando, com as lagrimas nos olhos, deu-me

A LAGRIMA

um abraço de despedida e partiu para o Brazil, onde ia empregar-se como guarda livros na casa d'um rico fazendeiro, em S. Paulo.

Esta separação foi terrivel para mim. Fernando era o meu companheiro inseparavel, o confidente dos meus segredos e o vel-o partir, o separar-me d'elle, quem sabe se para sempre, foi como que uma pnhalada vibrada em cheio no meu coração, esphacelado já por tantas amarguras, torturado por tantas desillusões.

Vi-o partir e desde então a minha vida tornou-se monotoná, e quantas vezes na solidão que me cercava eu me lembrei do meu querido Fernando e pedi a Deus que m'o restituísse á minha amizade.

Passaram-se 5 annos durante os quaes recebi-a mensalmente noticias, nas quaes elle me dizia que era feliz e que estava contente, que o futuro lhe sorria, que a sua vida em S. Paulo era uma eterna primavera d'abril.

Um dia Fernando deixou de escrever-me e passou-se 1 anno sem que eu soubes-e d'elle.

Uma manhã, em que, descuidado, sahia de casa, eu deparei com Fernando que regressara do Brazil e vinha procurar na patria allivio para a numerosa dôr que lhe minava, fibra a fibra, a existencia.

Quiz fallar e a commoção embargou-me a voz. Fernando tomando-me pelo braço levou-me quasi que automaticamente para um lugar ermo, solitario, mas verdadeiramente poetico.

O sol vestia os seus doirados raios sobre nós. Ouvia-se além entre as laranjeiras o cantar melancolico e triste d'um rouxinol, ouvia-se serpear por entre as roseiras em flor um regate cujas aguas crystalinas e limpidas retratavam a face pallida, taciturna do meu pobre amigo.

Chegados ali, Fernando, disse-me: — «Sabes para que vimos aqui?! Para te confiar as amarguras que n'este momento experimenta a minha alma!.. — Quiz que só Deus e tu soubessem o quanto soffro, e elle que é tão bom fará com que em breve finde este tormento dando-me no outro mundo a felicidade que me não foi dado gosar na terra.

— Assustas-me, com essas tetricas palavras, e não sei, meu amigo, a que attribuir essa tão rapida mudança no teu genio, outrora tão folgazão!..

Vi deslisar, silenciosamente, duas lagrimas pelas faces prematuramente enrugadas de Fernando.

Passados momentos conteu-me a sua bem triste e lugubre historia.

Eis em duas palavras a historia do meu amigo Fernando:

— Como sabemos, Fernando fora a principio muito feliz, sorrindo-lhe um futuro de rosas, que elle julgava eterno. Conseguira adquirir a confiança do seu patrão e a amizade dos seus companheiros.

Um dia — fatal dia para elle! — teve a desventura de encontrar no seu caminho uma creança formosissima que amou doidamente como era capaz de amar uma alma de eleição como era a d'elle.

Consagrou-lhe um amor ardente, invencivel e elle pareceu dedicar-lhe uma afeição semelhante.

Quando, Fernando julgando-se o mais feliz dos homens, acredita nos juramentos, que mais tarde haviam de ser torpemente quebrados, tornando o mais desgraçado dos viventes, teve que partir inesperadamente confiando que na sua volta a felicidade lhe sorriria e que o futuro se lhe apresentaria risonho e cheio de faguciras esperanças.

Imaginam de certo o desespero do

A LAGRIMA

pobre rapaz, quando ao regressar encontrou o seu idolo, a sua amada, esposa d'um velho burguez, muito rico, a quem tinha unido o seu destino despedaçando traçoeira mente, vilmente, os juramentos d'amor eterno que um mez anter havia feito.

Que alma tão perversa não guarda aquelle corpo de fada?!

Fernando, com as lagrimas nos olhos e com o desespero no coração revelou-me todas as peripecias da sua vida em S Paulo e terminou, dizendo-me:

—Não admira, meu amigo, são todas assim!..

Vinha anoitecendo. O rouxinol, o melancolico cantor da noite, que d'entre as sebes soltava o seu mavioso canto, levantou vôo e n'aquelle siciar d'azas, doce como arminho, parecia repetir como um echo longinquo e profundamente triste:

—São todas assim?!

Porto, 3—11—92

Erbarma.



Galeria de homens illustres de Barcellos

VII

Reixello

N'um pequeno outeirinho da freguezia de Gallegos, d'este concelho, ha uma casinha quadrangular, muito pequena e de pauperrima apparencia, que é habitada por um velho de 80 annos d'idade o que vive da caridade publica. O interior d'esta casa compõe-se d'um só compartimento que serve de cozinha, de dormitorio e de

sala de jantar! A mobilia é: uma encheira, rota, com uma coberta nas mesmos condições, duas panellas e um banco! E' aqui onde habita Reixello—o inventor dos alcatruzes!

Mas que phenomeno se observa na vida de quasi todos grandes homens—morrerem miseravelmente!

Dantes, quando Reixello apparecia em qualquer parte, a sua appareção era saudada por todos aquelles que o conheciam, com extremado regosijo.

Quando a noticia da descoberta dos seus alcatruzes correu por este paiz, foi aclamado com admiração pouco vulgar e o mesmo aconteceu quando atirou ao mercado litterario com alguns dramas populares. Hoje... vive esquecido de todos.

«O mundo voltou-lhe as costas»

Não intento fazer um estudo completo de Reixello, porque me falta espaço e competencia.

Sua fama como inventor, poeta e actor é já bem conhecida dos eminentes criticos e artistas, que hão reconhecido a supremacia do seu talento.

E' verdade que Reixello não mostrou na sua infancia essas predisposições precoces que são a guarda avançada d'um porvir brilhante; o professor chegou a declarar que elle era phenomenalmente estúpido; andando dos 10 aos 20 annos na escola, nada aprendera, porem d'estes aos 24, aprendera maravilhosamente; chegara a causar assombro e admiração a todos.

Abandonados os estudos, um amigo infundira-lhe o amor pelas letras e pelas artes e foi então que á força de trabalho perseverante, conseguira resolver o seguinte problema—fazer uns canos que ficassem mais baratos que os de ferro, que fossem perduraveis e tivessem consistencia—e foi o que

A LAGRIMA

fez inventando-os de argila composta de tal maneira que se tornava tão forte, tão rija que é difficil quebrar. As experiencias, a que por casualidade assistiu Bordalo Pinheiro, deram resultado admiravel! Mas custou-lhe muito, e a exemplo de Boetheger, Palysse, Denis Papin e outros, luctou com difficuldades indiziveis.

Foi actor publico e ensaiador dramatico, no que ganhou grande nomeada. Não julgue o leitor que o illudo, eu tenho por leme a verdade sem rodeios, o meu character não me leva á exaggeração. Debutou como protagonista no drama em 5 actos «Os Santos Reis», no que provou brilhante inspiração, solido talento e faculdades maravilhosas. «O baile do Entrudo» em que fez tambem o principal papel, obteu exitos extraordinarios, foi n'elle que mostrou a sua veia comica—e posso dizer, que nunca vi quem se encaixasse tão propositadamente n'aquelle papel de *Entrudo*, como elle. Reixello para fazer rir não precisava vestir-se de *fantoche* nem caracterisar-se: n'uma inflexão de voz, n'um gesto, notava-lhe o espectador observador e perspicaz, a sua natureza artistica. Como poeta, foi o seu nome bastante celebrado em todo o Portugal e ilhas adjacentes. O drama *Os Santos Reis* e a comedia com o titulo *O Baile de Entrudo*, são obras theatraes, producção sua em que resalta a fecundidade da sua privilegiada imaginação.

Foi orador distincto, pondo sempre a sua voz ao dispor da santa causa da humanidade; nunca se deu um ai na freguezia, que não encontrasse ecco no seu coração; nunca se brotaram lagrimas sem que elle as fosse enxugar; a sua vida resumiu-se em amar, resar e cantar; odiar e blasphemar, foi cousa que nunca soube, «Tem

um olho que é de lynce para prescudar circumstancias e tem um animo que é de ferro para dobrar resistencias». Um dos principaes discursos que fez, foi sobre a immortalidade da alma no que teve ovações extraordinarias. A exm.^a Camara dava-lhe uma pequena pensão diaria para viver os seus ultimos dias mais descansado, pois como já disse é octogenario, mas, não sei porque motivo, hoje não a recebe.

Vive na freguezia, d'esmolas; ainda o ouvimos dizer: «diverti-me muito»; porisso, agora, o pobre velho, desconta a sua alegria passada com a fome e miseria presente.

Zetil.



A um localista de um dos jornaes d'esta villa

—Diz um eminente escriptor portuguez:—«Saber fazer uma critica imparcial e justiceira é difficil; porém dizer-se mal inconscientemente é facil».

—Poder-se-há dizer *calerisação* em vez de *characterisação*?

«Não, responde S. Caturra; porque *calerisação* vem do verbo latino *caltribus*, que quer dizer fazer *camas*, e *characterisação* de *caratibus*, que quer dizer: tintura que o actor dá no rosto para reproduzir determinados personagens».



Decifração do enyigma pittoresco:
—O Velloso caça chascos.

